



A BRASILIDADE RETRATADA EM *MACUNAÍMA*, *O HERÓI SEM NENHUM CARÁTER*: MÁRIO DE ANDRADE, LEITOR DE JOÃO BARBOSA RODRIGUES E PAULO PRADO.

Palavras-Chave: Modernismo; Caráter; Brasilidade.

Autores:

ANA BEATRIZ DAVID DE ANDRADE [UNICAMP]

Prof. Dr. JEFFERSON CANO (orientador) [UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

Mário de Andrade foi um dos líderes do movimento literário denominado “modernista” na década de 1920 no Brasil, o qual propunha uma “renovação no domínio da produção artística” (MORAES, 1988, p. 221), uma modernização nas artes no país, utilizando-se de uma mediação nacional para isso. Essa época foi influenciada pelo pós-Primeira Guerra Mundial, que alterou profundamente o quadro internacional, pois resultou em uma grande crise de valores na Europa e na imagem de decadência desta. Essa alteração atingiu também o Brasil, que foi obrigado a encarar seus problemas, colocando como elemento central o problema da identidade nacional. Para isso, os intelectuais brasileiros assumem uma espécie de missão: “encontrar a identidade nacional, rompendo com um passado de dependência cultural” (VELLOSO, 1993, p. 90). Dessa forma, a arte não seria mais sobre a subjetividade dos artistas, mas sim uma maneira de interferir na organização da sociedade, uma vez que o mito cientificista do progresso indefinido, ao ser desmascarado na guerra, cedeu espaço à definição de arte como o “saber mais capaz de apreender o nacional e, portanto, o mais apto para conduzir a organização do país” (VELLOSO, 1993, p. 91). Ademais, Moraes defende que o movimento modernista não deve ser entendido somente no âmbito dos elementos literários e artísticos, mas em um âmbito mais amplo, uma vez que “suas manifestações se fizeram sentir no quadro geral da cultura brasileira” (MORAES, 1978, p.12). Esse movimento modernista, caracterizado por Mário de Andrade como “essencialmente” e “especificamente destruidor” (ANDRADE, 1942, p. 40-41) foi dividido em duas fases. A primeira fase foi de 1920 a 1924 e propunha uma renovação no domínio da produção artística, com a ideia de que o moderno deveria corresponder ao cenário atual de movimento, industrialização, novas tecnologias e, assim, deveria descartar o antigo. Não era uma ideia de que a produção passada deveria ser desqualificada, mas sim que ela não dizia mais respeito ao atual; o que implica, portanto, em uma atualização da tradição. Assim, o pretendido era uma inserção imediata do Brasil na modernidade universal, pensada pelos autores a partir de uma absorção do país dos meios expressivos novos, importados a partir de padrões europeus. Entretanto, isso não ocorreu de forma imediata, e essa frustração deu início ao que Moraes (1988, p. 227) chama a segunda fase do modernismo, a partir de 1924. A segunda fase, então, começa com um interesse pelos problemas relacionados à determinação da entidade nacional. Assim, continuava com a proposta de renovação no domínio da produção artística, porém agora em conjunto com uma nacionalização das fontes de inspiração da arte brasileira, com buscas no folclore e nas lendas populares, dando enfoque a não somente aderir ao que era concebido como moderno, mas a aderir apresentando-o como necessariamente nacional (MORAES, 1988, p. 221).

Para tal representação da nacionalidade, investe-se no compromisso entre a cultura atual e a tradição, propondo-se uma compatibilização entre elas. Dessa forma, deveria haver uma substituição na importação de padrões culturais por uma produção de modelos culturais próprios e adequados à exportação, isto é, o reconhecimento no plano internacional, como propõe Oswald de Andrade.

Assim, sobre o modernismo, Andrade relata em 1929 por meio de sua crônica para o Diário Nacional que “parece incontestável que nós estamos atravessando um momento muito importante da

nacionalidade, principalmente pelas possibilidades que ele tem de despertar no povo brasileiro uma consciência social de raça, coisa que ele nunca teve”, o que caracteriza uma inconsistência de caráter do brasileiro, como defende Moraes (1988, p. 236). Essa inconsistência de caráter, que seria típica da brasilidade, pode ser vista e levada ao extremo - devido à sua “falta” - na obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* de Mário de Andrade. Este tinha como interesse buscar e retratar uma brasilidade autêntica, o verdadeiro caráter do brasileiro, como ele mesmo aponta no primeiro prefácio da obra mencionada: “O que me interessou por Macunaíma foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional dos brasileiros.” (ANDRADE, 1926, p. 186)

DISCUSSÕES:

A brasilidade de Mário foi proposta a partir de relatos de Koch-Grünberg, um etnógrafo alemão, acerca de lendas coletadas por ele em sua viagem entre Roraima e Orinoco, especialmente para o rio Branco (do norte do Amazonas ao sul da Venezuela), com destaque para a lenda “Makunaima”, narradas por Akúli, índio arekuná, e Mayuluaípu, índio taulepangue. Além do proposto por Grünberg, o próprio Andrade viajou pelo norte do Brasil, coletando lendas e mitos da “mentalidade primitiva” (FARIA, 2006, p. 270), a fim de reunir informações sobre a cultura popular e de procurar a brasilidade autêntica. Para isso, então, volta-se para o folclore e para a literatura oral, o que o faz aproximar-se dos índios em seus estudos etnológicos e, conseqüentemente, reflete em sua obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Vê-se, então, que ele pretendia “moldar uma solução artística e literária para a construção de uma cultura própria para o Brasil” (CARVALHO, 2016, p.679).

Sendo assim, ele tentou retratar essa “entidade nacional do brasileiro” ou simplesmente “brasilidade” em seu livro paradoxal, visto que é representada pela falta de caráter. Tal falta se deve ao fato de não haver uma civilização própria e uma consciência tradicional, o que resulta na falta de caráter psicológico e, por conseqüência, na falta de caráter moral. Também, ela é representada pela gatinagem sem esperteza, falta de senso étnico nas famílias, sensualidade, pornografia, conforme aponta o próprio Mário de Andrade, no primeiro prefácio de *Macunaíma* de 1926 contido na edição de *Macunaíma* da Coleção Folha de São Paulo (2008, p.186).

Além disso, a falta de caráter de Macunaíma poderia ser explicada pelo fato de ele ser uma mistura, uma junção dos povos que compuseram o Brasil, como pode ser visto na referência do livro à “super-ideologia das três raças”, segundo a terminologia de Daniel Faria (2006, p. 92), quando o herói era indígena e negro e depois, magicamente, ao se banhar em uma pegada de São Tomé, torna-se branco. Entretanto, embora branco de pele e nos hábitos, sua alma não é europeia, mas uma mistura de tudo, como defende Proença (1974, p.20). Esse autor também postula que Macunaíma não era somente um “grande mal”, conforme a etimologia de seu nome, mas oscilava entre o bem e o mal, sendo alguém múltiplo.

Outrossim, como postula Faria (2006), o herói é ambíguo, sendo um possível redentor, mas também um instaurador de desordem, encantador e mentiroso, dono de um repertório místico e de vícios. Nesse sentido, Lopez (1996) afirma que Macunaíma funde o deus malandro do Uraricoera, o mentiroso Kalavunseg, o cunhado de Eteté, prolongando-se em Pedro Malazartes, Don Juan, Virgem Maria chorando miosótis, uma coincidência com o mito de Tamekan -as Plêiades- Orfeu, etc

Ademais, Moraes (1978) coloca que a origem da alma brasileira - portanto, da brasilidade - se deu com a síntese dos traços fundamentais de três raças e três gênios diferentes: o indígena, o africano e o português. Outra autora que discute a ambiguidade de Macunaíma é Gilda de Mello e Souza, em *O Tupi e o Alaúde- uma interpretação de Macunaíma*, de 1979, segundo o qual o herói é vencido e vencedor, faz da fraqueza sua força, faz do medo sua arma, da astúcia o seu escudo. Também, ainda segundo Souza, ele poderia representar tanto o homem brasileiro quanto o venezuelano (sul-americano) quanto o homem moderno universal, sendo ambíguo e propondo sempre leituras alternativas. Ambiguidade essa não somente física e psicológica, mas também cultural. Vê-se, assim, que Andrade não se centraliza somente no indígena. Pelo contrário, segundo aponta a

edição da Folha de São Paulo de 2008 de *Macunaíma*, Andrade relata em sua carta aberta a Raimundo Moraes, “Macunaíma” era um ser restrito ao extremo-norte, todavia o interesse do escritor era “um bocado maior que esses limites” (ANDRADE, 2008, p.199). Tendo em vista tamanha preocupação, ele não se restringiu às informações de Koch-Grünberg e às suas acerca do Norte, mas utilizou informações de vários “contadores” do Brasil (ANDRADE, idem), usando, para isso, a colaboração estrangeira e o aproveitamento dos outros sobre o Brasil -segundo prefácio, em 1928 (ANDRADE, 2008, p.192). Com isso, Andrade projetou Macunaíma em uma forma e em um ambiente indígenas, porém com costumes inventados por ele e de várias classes de brasileiros, e não de índios propriamente ditos¹. Nesse sentido, Gilda de Mello e Souza (1979, p.11) defende que *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* seria uma combinação de textos preexistentes - uma tradição oral e escrita, popular e erudita, europeia e brasileira -, mas não sendo caracterizado como uma mimesis e sim um processo inventivo, visto que altera quase todo fragmento. Esse fato é trabalhado por Cavalcanti Proença, em seu livro *Roteiro de Macunaíma*, no qual ele discorre sobre as possíveis fontes de Mário de Andrade em seu livro *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. No livro citado, um dos autores que Proença mais destaca como fonte no livro de Mário é João Barbosa Rodrigues, em sua obra *Poranduba Amazonense*. Rodrigues se debruça sobre lendas e cantigas indígenas, defendendo que aquelas revelam como esses seriam um povo primitivo, porém intelectual (p. II da “Advertência”), com conhecimentos astrológicos, zoológicos, botânicos, mitológicos, etc. Assim, pode-se ver “quanto acima do bruto estavam os nossos selvagens, quando se descobriram suas terras, e quão injustas foram as perseguições que sofreram, quando a pretexto de barbaria, eram arrastados ao cativeiro e á morte.” (p.143). Proença argumenta também que “embora não concorresse para a estrutura geral dos capítulos, contribuiu largamente para os temas acessórios o *Poranduba Amazonense*, de Barbosa Rodrigues” (p. 38). Assim, vê-se que os contos apresentados por Rodrigues são muito importantes para a construção de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* e, portanto, de seu caráter. Inclusive, diversos desses contos (apresentados no relatório final) foram copiados ou pouco modificados por Andrade em seu livro. A visão de Rodrigues, dessa maneira, mostra-se majoritariamente positiva em relação aos indígenas e sua cultura, isto é, ele não culpabiliza esses pelos possíveis problemas do Brasil. Porém, embora majoritariamente positiva, Rodrigues conclui que o que resistiu ao tempo foi o elemento africano fundido ao nacional, não somente o elemento indígena, uma vez que os tapuyos tinham caráter triste e moleza natural, e os negros apresentavam uma mímica erótica, com um bambolear do corpo mais animado (p.276). Sendo assim, a mãe de Macunaíma, uma “índia tapamunhas” (p.7), é justamente esse elemento africano fundido ao nacional, o que faz com que Macunaíma, negro e índio desde o nascimento, não somente índio, persista pelo tempo e apresente um caráter ambíguo, de tristeza e moleza em conjunto com um erotismo e uma animação

Um outro livro que serviu de fonte para Andrade foi *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, a quem, inclusive, aquele dedica *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. De acordo com Proença, “são muito comparáveis os dois livros; apenas, aquilo que é análise e dissertação no historiador [Paulo Prado], se transforma em ação no herói da nossa gente.” (p.15).

Prado vai na direção oposta a Rodrigues, revelando uma visão majoritariamente negativa acerca dos indígenas e dos negros. Sua visão negativa se estende para toda a região tida como o litoral (essa divisão de região foi amplamente discutida no relatório final do trabalho, mas não cabe neste resumo). Esse pessimismo, porém, não faz com que Prado se estagne diante da realidade. Pelo contrário, ele encara os problemas nacionais negativamente, mas apresenta um otimismo na esperança de superá-los.²

¹ Isso faz sua obra ser pautada por “tudo o que lhe pareceu coerente para a produção de uma obra brasileira atual, muitas vezes visionária. Apropriação, intertextualidade, diálogo da criação, antropofagia.” (LOPEZ, 2013, p.151).

² . Ainda sobre isso, Ferreira (2019), argumenta que

Para Paulo Prado, o passado, mais do que ter legado uma herança atávica a qual, em muitos aspectos, deve ser superada, pode oferecer experiências que possibilitam a produção de alguma orientação (e estabilidade) mais adequada. Portanto, há um tom de angústia e pessimismo em sua escrita, porém não uma total descrença, um niilismo a respeito da sociedade
p.200

Embora critique os portugueses, com desejos reprimidos dentro de si na sociedade europeia e depois desenfreados ao chegarem ao Brasil, Prado culpa os costumes e mulheres indígenas, além do clima do Brasil, como colaboradores desse sexualismo exacerbado³. Sendo assim, do contato da sensualidade com o desregramento e a dissolução do conquistador europeu surgiram as primitivas populações mestiças, em uma terra de todos os vícios e de todos os crimes.

Além do sexualismo exacerbado, Prado coloca que a cobiça foi um traço latente no início do Brasil: uma procura insaciável por prata, pedras preciosas e principalmente ouro, em uma loucura de enriquecimento rápido. Assim, nesse anseio por enriquecer, Prado relata que as pessoas “cometeram todos os crimes que os homens dessa época praticavam para satisfação das suas paixões.” (p. 63). O resultado da luxúria e da cobiça foi um povo triste, com propensão melancólica, vivendo em uma terra radiosa, deixando traços no caráter brasileiro.⁴

Também, como última característica do brasileiro, Prado aponta o romantismo, isto é, a invocação dos discursos e das belas palavras, dando um aspecto anacrônico ao Brasil, de gente viva falando uma língua morta.

Os dois livros supracitados, *Poranduba Amazonense* e *Retrato do Brasil*, compõem-se em tempos históricos distintos e, por consequência, apresentam objetivos diferentes. No primeiro, de 1890, Rodrigues objetivava:

Ha muito que dous motivos me levaram a colher e reunir essas flôres da imaginação de um povo ainda no seu estado primitivo, e que medravam solitarias, n'um ou 'noutro ponto, conservadas ainda apesar da invasão civilisadora; um para que completamente não desapareçam e mostrem o estado intellectual da raça; outro para fazer ver como a antiga lingua geral se tem modificado e como é eela hoje fallada.

p.II

Já no segundo livro, de 1928, Prado objetivava traçar um panorama sobre a tristeza brasileira, então, “procura[va] explicar as origens remotas do atraso econômico e cultural da Nação e dos vícios crônicos dos regimes políticos, através do processo de formação étnico-cultural da nacionalidade” (p.12), conforme L.M.T. aponta na introdução do livro.

Além disso, a extensa bibliografia sobre Prado discute sobre sua relação com a política e com a oligarquia do café. Dessa maneira, foram discutidas, no trabalho, as principais questões políticas relacionadas ao autor e como elas influenciaram seu livro.

Sendo assim, este trabalho tentou discutir, ainda que minimamente, como esses dois objetivos distintos influenciaram o livro de Andrade e como as características e os contos apresentados por Rodrigues e a influência política de Prado, em conjunto com a luxúria, a cobiça, a tristeza e o romantismo, contribuíram para o caráter ambíguo de Macunaíma.

CONCLUSÕES:

Conclui-se que, para a escrita do livro *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, Mário de Andrade bebeu de muitas fontes variadas, mas principalmente de *Poranduba Amazonense*, de João Barbosa Rodrigues, e *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado. A visão de Rodrigues, conforme já discutido, revela-se majoritariamente positiva. Todavia, ele aponta que o que resistiu ao tempo foi o elemento africano fundido ao nacional. Sendo assim, a mãe de Macunaíma, uma “índia tapamunhas” (ANDRADE, p.7), é justamente esse elemento africano fundido ao nacional, o que faz com que Macunaíma, negro e índio desde o nascimento, persista pelo tempo e apresente um caráter ambíguo, de tristeza e moleza em conjunto com um erotismo e uma animação. Além disso, as lendas apresentadas por Rodrigues e aproveitadas por Andrade foram fundamentais para reforçar como a cultura dos indígenas é importante para a formação dos brasileiros.

³ “Para o erotismo exagerado contribuía como cúmplices - já dissemos - três fatores: o clima, a terra, a mulher indígena ou a escrava africana. Na terra virgem tudo incitava ao culto do vício sexual” (PRADO, p. 90); e “o indígena, por seu turno, era um animal lascivo, vivendo sem nenhum constrangimento na satisfação de seus desejos carnaís.” (*idem*, p. 32)

⁴ Os fenômenos de esgotamento não se limitam às funções sensoriais e vegetativas; estendem-se até o domínio da inteligência e dos sentimentos. Produzem no organismo perturbações somáticas e psíquicas, acompanhadas de uma profunda fadiga, que facilmente toma aspectos patológicos, indo do nojo até o ódio. (*idem*, p.91)

Já com relação a *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, pode-se dizer que o autor revela uma visão majoritariamente negativa sobre os indígenas e negros, vistos como os responsáveis por corromper os portugueses e as famílias. Assim, as quatro características apontadas: luxúria; cobiça; tristeza e romantismo somente reforçam essa tese. Andrade, porém, aproveitou-se dessas quatro colocações e fez um personagem, Macunaíma, pode-se dizer, que as personifica.

Logo, essa mistura de visões, ora positiva, pautada em um autor, ora negativa, pautada em outro autor, além de todas as outras influências já apontadas, de “contadores do Brasil”, de lendas e de textos preexistentes, converge para o caráter ambíguo, múltiplo, paradoxal, inconsistente, portanto, converge para a ausência de caráter do herói da nossa gente: Macunaíma.

BIBLIOGRAFIA:

- ANDRADE, de M. Macunaíma o herói sem nenhum caráter. Edição Crítica coordenada por Telê Porto Ancona Lopez. Coleção Arquivos, vol. 6, Brasília, DF: Unesco, 1988.
- _____. Entrevistas e depoimentos. Organização por Telê Porto Ancona Lopez. Série 1 Estudos Brasileiros, vol. 5, São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- _____. Macunaíma o herói sem nenhum caráter. Coordenação e organização por Folha da Manhã S/A. Coleção Folha: Grandes Escritores Brasileiros, Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.
- _____. O movimento modernista: conferência lida no Salão de Conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, no dia 30 de abril de 1942 / Mario de Andrade. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=64439&opt=1>. Acesso em: 10/04/2019
- _____. Pequena história da música. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2015. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/49717898/pequena-historia-da-musica-mario-de-andrade>. Acesso em: 21/04/2020.
- BERRIEL, C. E. O. Tietê, Tejo, Sena: A obra de Paulo Prado, 1994. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270157/1/Berriel_CarlosEduardoOrnelas_D.pdf. Acesso em: 01/09/2020.
- _____. Dimensões de Macunaíma: Filosofia, Gênero e Época, 1987. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269800?locale=pt_BR. Acesso em: 19/11/2020.
- BRASIL: 1o. tempo modernista - 1917/29 documentação. Coautoria de Marta Rossetti Batista. São Paulo, SP: USP/Instituto de Estudos Brasileiros, 1972. 459 p., il. (Publicações do Instituto de Estudos Brasileiros, 26).
- CARVALHO, A. F. Theodor Koch-Grünberg e a cultura brasileira. Gragoatá, Niterói, n. 41, p. 665-685, 2. sem. 2016.
- FARIA, D. Makunaíma e Macunaíma. Entre a natureza e a história. Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 26, n. 51, p. 263-280, 2006.
- _____. O mito modernista. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/25927349/O_mito_modernista. Acesso em: 10/08/2019.
- FERREIRA, C. J. “PENSAR A HISTÓRIA NO INTERIOR DA INSTABILIDADE: ESCRITA DA HISTÓRIA E POSSIBILIDADES ÉTICO-POLÍTICAS NO RETRATO DO BRASIL DE PAULO PRADO”, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/41080238/FERREIRA_C_J_Pensar_a_hist%C3%B3ria_no_interior_da_instabilidade_escrita_da_hist%C3%B3ria_e_possibilidades_%C3%A9tico_pol%C3%ADticas_no_Retrato_do_Brasil_de_Paulo_Prado. Acesso em: 21/09/2020.
- _____. “Pluralidade na relação com o passado em retrato do Brasil (1928) de Paulo Prado”, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/39988207/FERREIRA_C_J_Pluralidade_na_rela%C3%A7%C3%A3o_com_o_passado_em_Retrato_do_Brasil_1928_de_Paulo_Prado. Acesso em: 10/09/2020.
- GAIO, H. P. C. Pessimismo e Ruína: Um retrato essencial do Brasil, 2008. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp083332.pdf>. Acesso em: 10/11/2020
- LACERDA, G. I. “As metamorfoses em *Poranduba Amazonense*”, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-10052016-141601/publico/2016_GabrielalmerimLacerda_VCorr.pdf. Acesso em: 13/10/2020.
- LOPEZ, A. T. O Macunaíma de Mário de Andrade nas páginas de Koch-Grünberg. Manuscrita, São Paulo, n. 24, p. 151-161, 2013.
- _____. Mario de Andrade: ramais e caminho. São Paulo, SP: Duas Cidades, 1972. 267p., il.
- _____. Mariodeandradiando. São Paulo, SP: Hucitec, 1996. 127 p. ISBN 8527102463 (broch.).
- MORAES, de J. E. Modernismo Revisitado. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, p. 220-238, 1988.
- _____. A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1978. 193 p. Bibliografia: p. 171-193.
- PRADO, P. Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira. 2 ed. São Paulo: IBRASA, 1981.
- RODRIGUES, J. B. Poranduba Amazonense ou Kochiyima-uara porandub. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/1334653/1334918/rodrigues_1890_poranduba.pdf/919bfa8e-91ba-4afb-80fb-25f729ac9669. Acesso em: 12/03/2020.
- SOUZA, Gilda de Mello e. O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma. São Paulo, SP: Duas Cidades, 1979. 105p.
- VELLOSO, P. M. A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, p. 89-112, 1993.